

GIPEM E O RESGATE DA MEMÓRIA NUMA REGIÃO OPERÁRIA

Ademir Medici

O Grupo Independente de Pesquisadores do Grande ABC atua nesta região paulista discutindo memória dentro da concepção de contribuição a uma melhor qualidade de vida. Até pelos contornos estabelecidos no ABC, a partir dos movimentos deflagrados pelos metalúrgicos locais no final dos anos 70 e nos anos subseqüentes, o Gipem conseguiu entender - e depois se fazer entender - que também uma região industrializada e operária tem o direito (e dever) de pensar as suas origens, a partir da visão do protagonista desta História. História que deve ser resgatada sem preconceitos, estudada e utilizada nos projetos presentes, voltados ao planejamento do amanhã.

Pode-se afirmar que, no ABC, tais objetivos têm sido, no mínimo, tocados e discutidos.

Os movimentos trabalhistas dos metalúrgicos do ABC abriram espaço para outras formas coletivas de atuação na região, nos campos da habitação, ecologia, aposentadoria, participação do velho, político-partidário, organização de bairros e favelas e tantos outros. Hoje, há uma luta de pessoas pela conquista do seu telefone pago e não instalado. Os catadores de lixo, junto ao manancial da represa Billings, se unem para garantir este tipo de sobrevivência, discutindo os caminhos dos projetos de aterros sanitários. Favelados locais organizam os chamados "consórcios da morte" e criam "caixinhas" de subvenção para as despesas funerárias. O mutirão é uma alternativa comum de urbanização das próprias favelas. E aqui se poderia relacionar uma série muito maior de projetos coletivos hoje pensados e executados no ABC paulista.

Com o movimento da memória não aconteceu diferente.

O Gipem ganhou configuração de movimento coletivo em 1987. Procurou-se descobrir o que se fizera até então neste campo e relacionar o que poderia ser feito em conjunto. Num primeiro momento, foram reunidos os chamados agentes culturais com atuação estabelecida nos vários órgãos públicos locais. Em 1986, tais agentes participaram de um simpósio de História, em Moji das Cruzes, e apresentaram um projeto de preservação de vários

equipamentos afetivos e culturais da região, previamente discutidos e democraticamente eleitos como significativos dentro da História das cidades.

A partir desta tomada de posição, espaços como os antigos estúdios da desaparecida Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo, passaram a ser vistos com outros olhos pela comunidade local. Idem espaços, como o do velho Cine-Theatro Carlos Gomes, em Santo André, construção dos anos 20, especialmente feita para atividades culturais e que, nos últimos 60 anos, abrigou todo tipo de manifestação pública: do carnaval aos comícios dos integralistas; das apresentações de ópera às manifestações de comunitas que deram a vitória a Armando Mazzo, um marceneiro, o primeiro operário brasileiro eleito prefeito, em 1947.

Com esta carga cultural, o Carlos Gomes não resistiu e virou um estacionamento de automóveis e loja de comércio, a exemplo de tantos outros cinemas, em todo mundo, numa ação tão bem ilustrada pelo filme Cinema Paradiso.

No caso do ABC, a resistência deu certo. Os pesquisadores da memória foram às ruas. Fizeram pedágio defronte ao cinema. Conquistaram a simpatia popular para a causa e reverteram a situação. Hoje, o Cine-Theatro Carlos Gomes já é novamente espaço cultural, desapropriado que foi pelo prefeito Celso Daniel, de Santo André - ele próprio um pesquisador da memória e acadêmico - após o movimento encabeçado pelo SOS Carlos Gomes e pelo Gipem.

A atuação dos pesquisadores da memória do ABC tem passado por estas áreas de animação cultural e de despertar de consciências. O grupo tem interferido em assuntos como o da preparação das leis orgânicas dos municípios. Estas leis todas acolheram as sugestões do Gipem e hoje têm propiciado mecanismos voltados ao campo da preservação histórica, formação de arquivos, tombamentos de bens culturais, resgate da memória, estímulo ao depoimento dos que fizeram história na Borda do Campo, subúrbio de São Paulo.

A realização, em 1989, do I Congresso de História do ABC, que teve a coordenação temática do sociólogo José de Souza Martins, mostrou vários caminhos. Influuiu para que Santo André salvasse o primeiro prédio da região, especialmente construído para servir como escola, no caso o I Grupo Escolar, de 1912, que vinha sendo utilizado para atividades não culturais. O Congresso reuniu, no velho grupo - hoje Museu Municipal - um público de 700 pessoas, entre acadêmicos e trabalhadores. Aproximou pesquisadores acadêmicos e não acadêmicos. Gerou, enfim, a discussão de um número tão grande de temas que eliminou a distância entre o I Congresso e o II, marcado para julho de 1992, em São Bernardo do Campo.

O I Congresso da História do ABC continuou realidade nos novos encontros realizados, nos novos projetos desenvolvidos, nos novos gritos de denúncias contra a agressão ao patrimônio histórico-cultural do ABC, nas novas produções de livros e revistas.

Hoje, são três séries principais de publicações sobre memória do ABC, todas com a participação de integrantes do Gipem: 1) série de livros *Memórias da Cidade*, da Secretaria de Educação da Prefeitura de Santo André, já em seu número 4; 2) série de livros *Oficinas de História*, da Secretaria de Educação da Prefeitura de São Bernardo do Campo, em seu número 2 e um trabalho do Serviço de Documentação da História Local; 3) revista *Raízes*, da Prefeitura de

São Caetano do Sul, dirigida pelo professor e jornalista Aleksandar Jovanovic, e que já chegou ao seu número 5.

São Bernardo do Campo editou também o *Guia Bibliográfico do Gipem*, através da Secretaria de Educação da Prefeitura, dirigido pelo acadêmico e professor Luiz Roberto Alves. O *Guia* reúne 300 títulos de obras que focalizam a história do ABC.

A atuação da pesquisa histórica do ABC, hoje, influi em processos de tombamentos, como o ocorrido na vila ferroviária de Paranapiacaba, mas não se limita a isso. Esta atuação denuncia também o abandono dos próprios bens tombados e sua desfiguração, apesar das garantias legais, como são os casos de Paranapiacaba, da represa Billings e das matas atlânticas da Serra do Mar, já relacionadas pelos pesquisadores do ABC no simpósio de Moji, em 1986.

O pesquisador da memória que forma o Gipem tem consciência da importância do sub-solo do ABC e de seus antigos caminhos do mar, hoje com remanescentes em vias urbanas das sete cidades locais.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos no entorno da capela de São Caetano, do século XVIII - num trabalho do Museu Paulista - e junto aos trechos que sobreviveram da Calçada do Lorena, nos limites de São Bernardo do Campo e Cubatão - aqui num trabalho da estatal Eletropaulo - tiveram o estímulo, participação e acompanhamento do Gipem.

O grupo tem cobrado outros trabalhos do gênero, junto ao espaço da velha capela dos beneditinos em São Bernardo - entre a Estrada do Vergueiro e o ribeirão dos Meninos - e ao longo do Caminho do Pilar, em especial nas regiões de Vila Assunção-Ipiranguinha e atrás da capela do Pilar Velho, em Ribeirão Pires, onde existiu um cemitério.

Todas estas ações têm tido um preço. Se, de um lado conseguem mobilizar novos pesquisadores e o conjunto da população, de outro encontram sérias barreiras de oposição. O exemplo mais típico é o da escavação junto à antiga Fazenda de São Caetano, que deveria atingir espaços do grupo Matarazzo, hoje desativados e que passam por processo de especulação imobiliária com vistas à construção - em cima do sítio histórico - de um novo *shopping*. Com a negativa da Matarazzo em autorizar escavações na velha fábrica, os trabalhos foram realizados ao lado da capela, em praça pública, obrigando a tratativas com a Igreja e a Prefeitura e que teve no Gipem e no Museu de São Caetano esforços que prosseguem até hoje.

O Gipem, por fim, não possui um registro convencional de entidade regularizada. sequer possui uma diretoria. Também não tem sede nem estatutos. É coordenado pelo ex-ferroviário Paschoalino Assumpção e sobrevive, através do conjunto de pesquisadores, como espaço aberto a novas adesões e democrático. Uma de suas vozes é a coluna jornalística "Memória", do *Diário do Grande ABC*, que ajuda a sensibilizar os protagonistas numa reação em cadeia que abre espaço aos que não têm voz.

dezembro, 1991.



Capela de São Cactano, 1906



Cine-Theatro Carlos Gomes, Santo André, 1987



Estúdios da Vera Cruz, 1987